



# VISÕES SOBRE A GEOGRAFIA E O PÓS-COLONIALISMO

## CONVERSAS COM FELIX DRIVER, DAVID HARVEY E PAUL CLAVAL

■ ANDRÉ REYES NOVAES  
MARIANA LAMEGO

**Resumo:** O presente artigo tem o objetivo de compartilhar perspectivas sobre geografia e pós-colonialismo reunidas a partir de conversas realizadas com três grandes geógrafos pertencentes a gerações e lugares de enunciação marcadamente distintos: Felix Driver, David Harvey e Paul Claval. O artigo está dividido em duas seções. Na primeira, é exposta a transcrição das partes mais significativas das entrevistas realizadas nos últimos meses de 2013 e princípios de 2014. Na segunda, são tecidas considerações que buscam identificar temáticas recorrentes nas narrativas dos entrevistados.

**Palavras-chave:** pós-colonialismo, conhecimento geográfico, identidade, visões disciplinares.

### Introdução \_\_\_\_\_

A diversidade de pontos de vista sobre o pós-colonialismo pode ser, simultaneamente, temida e celebrada. Na introdução de um dos primeiros livros de divulgação sobre este campo, o *Postcolonial Studies Reader* (ASHCROFT et al, 1995),

os organizadores já se preocupavam com o “perigo de se perder significado efetivo de conjunto”, devido à grande variedade de abordagens, metodologias e disciplinas envolvidas. Por outro lado, esta diversidade de pontos de vista, ou “constelação de significados” (SIDAWAY, 2000), também pode ser celebrada, pois expressa

possibilidades de interlocução entre autores com trajetórias profundamente diferenciadas.

Acreditando em tais possibilidades, o presente texto procura compartilhar perspectivas sobre geografia e pós-colonialismo reunidas a partir de conversas realizadas com três grandes geógrafos pertencentes a gerações e lugares de enunciação marcadamente distintos: Felix Driver, David Harvey e Paul Claval. O reconhecimento e prestígio do trabalho destes geógrafos tornam desnecessária qualquer exposição detalhada de suas trajetórias. Seus textos e suas biografias estão amplamente disponíveis. Ainda assim, cabe apontar alguns aspectos biográficos mais diretamente relacionados com as temáticas debatidas nos diversos artigos que compõem a presente edição da E&C.

Felix Driver é professor do Departamento de Geografia da *Royal Holloway University of London* e, desde a conclusão do seu doutorado em Cambridge, passou a se interessar progressivamente pelas relações entre conhecimento geográfico, império, cultura visual e cultura da exploração. Estes interesses conduziram o autor a uma apropriação geográfica pioneira de trabalhos importantes para o desenvolvimento do campo de estudos pós-

coloniais, como a obra de Edward Said (DRIVER, 1992). Sendo uma reconhecida referência na geografia histórica britânica, ambiente onde o pós-colonialismo prosperou entre professores e estudantes, Driver conduz a conversa de maneira mais focada nas referências fundadoras e nos debates acadêmicos ocorridos na Inglaterra.

David Harvey é professor do Departamento de Antropologia da *City University of New York*. O autor é certamente um dos geógrafos mais célebres da atualidade e o impacto de seus trabalhos vai muito além da geografia. Apesar de também ter influência considerável sobre a geografia britânica, foi a partir dos EUA que Harvey alcançou projeção internacional. Sua trajetória é substancial e muito conhecida pelos geógrafos. A partir de seu livro *Social Justice and the City*, publicado em 1973, Harvey passou a se dedicar mais intensamente às relações entre geografia e marxismo e abriu um leque variado de pesquisas sobre pós-modernidade, capitalismo, neoliberalismo e espaço urbano. Sendo uma referência internacional da geografia crítica, Harvey apresentou seu posicionamento a respeito das relações de poder na produção do conhecimento geográfico, explicitando alguns debates fundamentais sobre o marxismo e o pós-

colonialismo.

Paul Claval é um dos geógrafos mais renomados da França e é professor de Paris IV-Sorbonne. Sua trajetória é muito diversificada e suas contribuições articulam geografia histórica, geografia regional, geografia política e principalmente geografia cultural. O autor foi muito importante na introdução da geografia cultural no Brasil e muitas de suas publicações foram traduzidas para o português (CLAVAL, 2007). Sua longa experiência na geografia possibilitou uma conversa com um rico enfoque comparativo entre a geografia francesa e a geografia britânica, contemplando as implicações do pós-colonialismo nas diferentes formas de se fazer geografia histórica e cultural.

Antes de apresentar as entrevistas propriamente, cabem algumas importantes considerações e ressalvas. Diferentes foram os encontros que provocaram os encontros com Driver, Harvey e Claval num período curto e intenso em dezembro de 2013 e em abril de 2014. Situações oportunas que, aliadas ao interesse na abordagem pós-colonialista na geografia, possibilitaram esse trabalho.

O professor Felix Driver, que há bastante tempo vem ao Brasil e tem uma relação já consolidada com alguns

professores e pesquisadores de universidades brasileiras, estava no Rio de Janeiro para as festas do final de ano e foi extremamente gentil ao aceitar um convite para uma conversa no seu período de férias.

David Harvey veio ao Rio de Janeiro à ocasião do XIII Simpósio de Geografia Urbana. Com uma agenda intensa de palestras, entrevistas e autógrafos, Harvey foi paciente e cordial na conversa realizada com um grupo de professores do departamento de geografia da UERJ.

Paul Claval esteve no Rio de Janeiro participando do evento organizado pelo NEPEC em comemoração aos vinte anos de atuação do núcleo em princípios de dezembro. Vale ressaltar que o professor Claval tem estreitas relações com o Brasil, tendo vindo inúmeras vezes para participar de Simpósios, Congressos e Bancas de Doutorado. Claval, generoso como sempre, concedeu a entrevista em português.

Uma preocupação recorrente, em todas as entrevistas, foi a de proporcionar e manter um espaço aberto para que os entrevistados pudessem expressar suas opiniões sobre a produção do conhecimento geográfico e suas possíveis relações com o pós-colonialismo. O objetivo não era seguir um roteiro estrito, e sim possibilitar um instigante diálogo sobre

o tema a partir de algumas questões previamente elaboradas. Alguns caminhos seguidos foram definidos no próprio decorrer das conversas e, por isso mesmo, revelam as particularidades e características das visões de mundo desses três grandes nomes da geografia.

Seguindo as narrativas, é possível observar visões convergentes e divergentes entre os entrevistados; contudo, o propósito aqui é menos demarcar aproximações ou distanciamentos e mais contribuir para o reconhecimento de um campo de estudos no qual convivem pontos de vista plurais emitidos a partir de lugares e trajetórias muito peculiares.

Uma última consideração é necessária e diz respeito à escolha da sequência da apresentação das entrevistas. Após o processo de transcrição, ficou mais evidente como o lugar de enunciação de cada geógrafo atuou como fio condutor das entrevistas. A escolha de iniciar as transcrições pelo professor Felix Driver teve como justificativa o fato de o entrevistado falar a partir de um ambiente acadêmico onde o pós-colonialismo aparece de forma consolidada, com forte influência sobre a geografia cultural e histórica.

Já o professor David Harvey aparece em seguida como um contraponto, devido

ao seu lugar de enunciação mais vinculado a uma intelectualidade refratária ao pós-colonialismo. A visão marxista de Harvey traz em muitos momentos uma crítica importante sobre as influências do pós-estruturalismo nas ciências sociais.

Por fim, o professor Paul Claval nos oferece um instigante desfecho, comparando a produção do conhecimento geográfico em diferentes ambientes acadêmicos. Ao assumir o pós-colonialismo como uma tendência com expressão recente na França, Claval nos revela como os escritos pioneiros do pós-colonialismo francês tiveram pouco impacto contínuo das pesquisas geográficas daquele país.

### **Felix Driver e a consolidação do pós-colonialismo na geografia britânica** \_\_\_\_\_

*E&C: Qual foi a primeira vez que você escutou sobre o pós-colonialismo e quais foram as principais referências no seu contato inicial com essa abordagem?*

FD: Com relação ao tempo, deve ter sido na metade dos anos 1980 e, provavelmente, foi lendo Said alguns anos depois da publicação do *Orientalismo*<sup>1</sup>. Mas eu não consigo lembrar porque eu estava lendo. Eu

lia muito Foucault, e estava escrevendo sobre Foucault e pensando sobre geografia e império. Então, eu peguei este livro e comecei a ler e ele realmente me levou para alguma coisa chamada pós-colonialismo. Embora a relação de Said com o pós-colonialismo seja bastante estranha, ele foi crítico com relação a alguns aspectos da teoria pós-colonial um pouco depois. Mas eu acho que foi aquele livro, e era um livro muito instigante, um livro engajado, um livro muito histórico, que tinha uma visão particular do conhecimento geográfico como central para o Orientalismo. E obviamente este teve um grande impacto na geografia desde então, não foi? Então, acho que este foi o momento, foi lendo o livro e vendo como a história imperial poderia ser pensada de uma outra forma, também ligada com o contemporâneo. Ligada com o que hoje nós chamados de “geopolítica crítica”, eu suponho, mas na época não era chamada assim. Said falava sobre geografias imaginativas, que é sobre pessoas criando e contestando a geografia, da mesma forma que na história, e essa foi a inspiração.

Mas naquele momento, nos anos 1980 na Inglaterra, também havia uma série de debates ocorrendo acerca do marxismo. No momento em que o Orientalismo foi publicado, Raymond Williams publicou

“Marxismo e Literatura”<sup>2</sup> e então havia muitos interesses em Gramsci e nas relações entre cultura e poder. Vindo de uma outra direção, embora relacionada, tinha o trabalho do Stuart Hall na sociologia e nos estudos culturais. Stuart Hall escreveu posteriormente sobre Said nos anos 1990 e isso foi muito importante para a geografia, ao trazer novas ideias para perto da geografia, mas isso seria uma outra questão. Mas, para mim, foi lendo Said e vendo as ligações com algumas ideias teóricas sobre o conhecimento geográfico, percebendo também um uso diferente e mais político da história e da história da geografia.

Um outro livro de um autor inglês que teve grande influência e que eu gostaria de destacar é o livro chamado *Colonial Encounters*<sup>3</sup>, de Peter Hulme, que era sobre o colonialismo britânico no Caribe. Ele coloca alguma literatura marxista neste ensaio. É um livro realmente excelente, um livro muito histórico e eu tendo a gravitar em torno de uma literatura mais histórica. Porém histórico com um tipo de engajamento sério com a teoria. É importante manter o balanço certo.

Mas, se você quer outro ponto de referência para o meu engajamento com a teoria pós-colonial, e eu acho que na geografia britânica em geral, este seria o

livro de Jane M. Jacobs chamado *Edge of Empire*<sup>4</sup>. Ela é uma geógrafa australiana que fez o doutorado sobre patrimônio e política em Londres e na Austrália, e ela foi realmente a primeira pessoa a escrever sobre a geografia da cidade moderna do ponto de vista pós-colonial, pensando como o império segue formando a geografia de cidades como Londres e suas relações com a política de patrimônio. Acho que este é um exemplo muito bom e, no primeiro capítulo do seu livro, ela fala sobre as relações entre pós-colonialismo e pós-modernismo.

As literaturas pós-coloniais também vêm de várias regiões do globo. Assim teve esta abordagem sobre o Caribe, mas também houve toda uma literatura do Pacífico, com que eu realmente entreei em contato posteriormente. Existe, na área de antropologia, especialmente Nicholas Thomas<sup>5</sup>. Ele aborda muita coisa sobre encontro e troca. Frequentemente violenta, mas ainda assim sobre troca. E estes trabalhos parecem se relacionar melhor com a última fase de Said, ou o Said de "Cultura e Imperialismo"<sup>6</sup>, onde ele fala que existem dois lados: vamos olhar para o encontro, vamos olhar para a luta.

*E&C: Como era o contexto acadêmico da*

*geografia humana no momento de surgimento de debates sobre pós-colonialismo?*

FD: Nos anos 1980, todos estavam falando sobre pós-modernismo. Então veio a ideia de publicar um número especial do periódico *Society and Space*, que se tornaram dois números sobre geografia e pós-modernismo. Eu fui convidado para contribuir, mas não estava realmente interessado no pós-modernismo. Gillian Rose e Steve Pile<sup>7</sup> escreveram sobre pós-modernismo e várias outras pessoas também. Então, eu decidi escrever sobre o pós-colonialismo e o artigo acabou tornando-se um ensaio sobre Edward Said, a história da geografia e o império, e continua sendo bastante lido atualmente. Aquele foi o momento particular em que eu vim a publicar este tipo de coisa, parcialmente devido à obsessão pelo pós-modernismo e os livros de David Harvey e Edward Soja que vieram ao mesmo tempo, não foi?

Eles não estavam falando sobre o pós-colonial, mas o pós-colonialismo parecia ser mais diretamente ligado com o conhecimento geográfico. O pós-modernismo é relacionado com um conjunto de teorias espaciais e muitas outras coisas interessantes. Então, não foi apenas

eu, alguns geógrafos históricos se tornaram interessados nas relações entre império e geografia. Neil Smith e Anne Godlewska escreveram um livro chamado *Geography and Empire*<sup>8</sup> em uma série que eu editei. Foi uma série da Blackwell no início nos anos 1990 e havia muitas referências a Said. Obviamente o livro de Said foi primeiramente publicado em 1978 e ele não havia sido realmente considerado ou lido até meados nos anos 1980. E eu acho que aquela concepção do conhecimento geográfico que está em Said me parece ligada com o que Gillian Rose estava escrevendo sobre feminismo e geografia. E ofereceu novas formas de fazer a história do conhecimento geográfico.

*E&C: Alguns autores destacam que o uso do hífen poderia diferenciar o "postcolonialism" do "post-colonialismo" (SHARP, 2000). O primeiro termo privilegiaria o marco temporal e a ruptura com o colonialismo, já o segundo seria uma abordagem teórico-metodológica crítica ao colonialismo, considerando suas continuidades. Como este debate tem sido importante nos diversos sub-campos da geografia?*

FD: Claramente a palavra pós-colonial foi

sempre um pouco confusa, particularmente para os estudantes, porque esta carrega o sentido de ser depois do colonialismo ou além do colonialismo. Assim ela sempre coloca em diálogo com a história alguns processos que, de alguma forma, seguem presentes. E presentes não apenas em nossas cabeças, nas nossas teorias e nos nossos conhecimentos, mas também nos espaços do mundo. Eu acho que a persistência do pós-colonialismo na geografia é justificada parcialmente porque esta tem sido útil para os geógrafos pensarem em diferentes espaços, em cidades, em nações, em paisagens e sobre todas estas questões em várias escalas geográficas.

Então, só para te dar um exemplo, e isso nos leva para bem longe da questão, mas tem relação com a ideia de formação devido ao foco empírico de um projeto que eu estava trabalhando com meus colegas da Royal Holloway em meados nos anos 1990 sobre cidades imperiais. O projeto era sobre as cidades europeias, em particular sobre aquelas que sofriam influência, ou foram formadas pelo império. Nós nos tornamos muito acostumados a pensar sobre as cidades fora da Europa, as cidades do terceiro mundo, mas era importante pensar como o império forma o colonizador e

entender o espaço da cidade colonial, que foi geradora de novas perspectivas. Neste sentido, foi falando sobre espaço, pós-colonialismo e vendo como o colonialismo ainda está lá na cidade de várias formas que construímos o projeto.

Eu estava muito interessado em saber como aquela ideia, que não era apenas nossa, seria aplicada nas cidades imperiais. Assim, editamos um livro e organizamos uma conferência<sup>9</sup>. Nós colocamos alguns geógrafos em contato com historiadores sobre a cidade e eu me interessei em ver como vinte anos depois esta área ainda segue dinâmica na Europa, em vários sentidos. É interessante como a teoria pós-colonial não ficou restrita a um gueto da geografia cultural. Ela teve na realidade influência para além da geografia cultural ou da geografia da literatura, afetando a geografia urbana, a geografia econômica, etc.

Não é possível confinar os impactos do pós-colonialismo na geografia cultural e histórica. Têm existido engajamentos sérios na geografia econômica, na geopolítica crítica e é muito difícil imaginar a geopolítica crítica existindo sem o pós-colonialismo, não é? É realmente impossível, porque, no tempo em que eu estava escrevendo, o Gerard Toal<sup>10</sup> também

estava escrevendo sobre geopolítica e ele publicou um livro muito bom sobre geopolítica e o visual ao longo do tempo. Ele estava certamente lendo Said.

*E&C: A geografia britânica foi muito influenciada por Said, que escreveu em inglês, existe influência de autores ligados a tradições francesas e latino-americanas?*

FD: A influência de Fanon<sup>11</sup> na Geografia anglófila teve maior interesse na direção da psicanálise, que também é uma área de interesse da geografia que tem sua trajetória influenciada pelas teorias pós-coloniais. Existe também uma pequena influência na geografia e literatura, com Césaire<sup>12</sup>. Mas você pode bem argumentar que Said tem sido super-utilizado como um pensador em particular devido a sua língua. Isto seria reconhecer alguma forma de geografia. Mas certamente existem muitas tradições pós-coloniais.

Mas, a essa altura, é muito fácil cair em estereótipos nacionais. Pense no livro que eu mencionei, que era basicamente uma releitura da Revolução Haitiana nos anos 1790/1800. Era uma interpretação da Revolução Francesa a partir do Caribe, então era bem pós-colonial antes do termo pós-colonial existir, escrito em inglês, mas

ao menos sobre história francesa e influenciou muitos autores como Peter Hulme, Catherine Hall e Stuart Hall<sup>13</sup>. Autores cujos trabalhos têm sido tão importantes para mim. E outros geógrafos históricos britânicos como Daniel Clayton que escreveu um livro importante sobre a Ilha de Vancouver<sup>14</sup>.

Sobre a América Latina, existem abordagens sobre história popular. Você também pode achar que tem sido um pouco superficial, então eu quero saber mais sobre isso, mas, considerando a sua questão, na geografia britânica eu diria que a influência de autores latino-americanos é absolutamente negligenciada, uma realidade pouco conhecida.

*E&C: Entre os autores latino-americanos e ibéricos, existe um destaque grande para as relações de poder nos processos de produção do conhecimento. Fala-se de "colonialidade do saber" (QUIJANO, 2000) e da possibilidade de criação de "epistemologias do sul" (SANTOS e MENEZES, 2010). Por outro lado, existem muitas críticas a um certo revanchismo que o pós-colonialismo poderia gerar, negando influências culturais "externas" e caindo em um essencialismo simplista. Você acredita nessa possibilidade de uma teoria gerada a*

*partir do sul como base para o surgimento de novas epistemologias?*

FD: Eu não sou familiarizado com Boaventura, mas posso imaginar o argumento. Eu acho que existe o risco do essencialismo. Apenas reverter a polaridade não é o suficiente, não é? Mas eu acho que estas questões estão muito vivas. Uma coisa interessante nesse debate é pensar em Braudel. Ele escreveu o seu livro sobre o Mediterrâneo enquanto estava no Brasil. Você vê, não é exatamente uma coisa contingente. É interessante, quando eu descobri isso, eu comecei a pensar que este parece ser um exemplo literal de se pensar sobre a Europa estando no Sul Global. Mas é claro que a presença dele aqui era uma história sobre o colonialismo francês no Brasil, era a implantação do sistema acadêmico francês em São Paulo. Mas não vamos falar disso agora.

Existem dois perigos a se evitar no pós-colonialismo. O primeiro é para os geógrafos do Norte Global, que devem entender que a coisa realmente excitante sobre a geografia é que ela nos ajuda a entendermos nossa própria sociedade, de modo que vamos entender nossa própria geografia, nossas sociedades viradas para dentro. Mas não se pode entender o Norte

Global de forma independente das outras partes do mundo. O segundo perigo é o de se adotar uma retórica de que necessitamos fazer algo renunciando ao eurocentrismo, o que significa renunciar a tudo que vem da Europa e celebrar qualquer coisa que seja purificada de influência externa. Isso é exatamente o que Doreen Massey<sup>15</sup> argumentaria contra. Isso é um essencialismo e uma política perigosa que tenta renunciar tudo que vem de fora e quer algo puramente indígena. Esta forma de indígena que vira... indigenista. Mas você pode entender a política e pode ver como um trabalho a ser feito aqui na América Latina.

Uma das coisas boas sobre o pós-colonialismo é que este tentou encorajar o olhar sobre tradições intelectuais e teorias que vêm de outros lugares. Um autor na geografia britânica que fez isso muito bem foi David Slater<sup>16</sup>, ele é um geógrafo político agora. Mas ele trabalhou com Doreen Massey na América Latina, eu acho que particularmente no Peru. E ele escreveu sobre o tipo de tradições políticas do Sul Global. E ainda é verdade, ironicamente, que a nossa geografia, particularmente no Reino Unido, é de alguma forma tanto mais internacional e ainda paroquial, talvez mais paroquial em alguns aspectos do que nunca.

Por exemplo, Milton Santos, o seu trabalho não é conhecido na Grã-Bretanha, apesar de haver um texto, em um desses dicionários de pensadores-chave. Esta ainda é uma empreitada necessária para o pós-colonial, ainda há um trabalho a fazer.

### David Harvey e a Refração Marxista Norte-Americana \_\_\_\_\_

*E&C: Quais são as perspectivas atuais da geografia, pensando nas relações entre poder e produção do conhecimento?*

DH: A geografia sempre teve relação com a vigilância da população e o controle da população. Existem muitos usos da geografia com que eu não concordo nem um pouco. Mas é onde o dinheiro está e tende a decidir os caminhos da disciplina com muita frequência. Então, existem alguns de nós que querem criar um tipo diferente de geografia que é sobre emancipação do capitalismo e do imperialismo, e anti-racista e todos estes aspectos. Mas nós somos, geralmente falando, uma minoria. Uma minoria muito barulhenta. E, em alguns aspectos, intelectualmente muito boa. O que coloca alguns problemas para a disciplina em geral.

Eu acho que a disciplina em geral tem uma grande dificuldade com alguém como eu. Porque eu tenho uma grande reputação internacional e eles não gostam do que eu faço. Então é uma questão complicada, que tem chamado minha atenção há bastante tempo, que é a questão da profissionalização das disciplinas. A profissionalização de estruturas de conhecimento. O tipo de divisão disciplinar que temos foi sendo criado a partir do final do século XIX e vem se fazendo concreto desde então. As disciplinas tendem a sentar no seu lugar e não se comunicar muito. Eu estou agora ensinando no programa de antropologia. Estou bem, exceto que meus colegas seguem dizendo: "onde está a sua etnografia"? E eu digo: "bem, existem outras coisas além de etnografia nesse mundo". Mas eu acho que existem alguns problemas reais na forma como as estruturas de conhecimento tem se constituído e se consolidado.

A geografia como disciplina não está indo muito bem na maior parte do mundo, eu acho. E onde está indo bem tende a ser muito pouco organizada. Não acho que isso seja bom também. Mas, obviamente, para mim, o interesse está em pensar o desenvolvimento geográfico desigual do capitalismo, pensar de que forma há

desenvolvimento geográfico desigual das lutas contra a opressão e contra a dominação capitalista. Estas questões são muito importantes para mim politicamente e o tipo de conhecimento que eu acumulei, por ter estado em muitos lugares, entre geógrafos, tem sido extremamente útil. Estes conhecimentos ajudam a entender a produção do espaço, a produção de configurações territoriais, entre outras coisas.

*E&C: Uma das abordagens sobre poder e produção do conhecimento que vem influenciando muito a geografia anglo-saxônica é o pós-colonialismo. Você foi um dos pioneiros na introdução das teorias marxistas na geografia e muitos teóricos pós-colonialistas dialogam com o marxismo. Como o senhor vê a introdução do pós-colonialismo na geografia?*

DH: Bem, eu acho que o marxismo clássico nunca manuseou as questões geográficas muito bem. Assim, gostaria de citar alguém como Fanon, que diz que, quando você está lidando com a situação pós-colonial, você tem que esticar o seu marxismo um pouco. De certa forma, esse é o meu argumento sobre a geografia: quando você está sendo geográfico você tem que esticar o

argumento marxista um pouco. Assim, por exemplo, se você for lá olhar, quando eu estava escrevendo *Social Justice and the City*, que foi o primeiro texto em que eu usei a estrutura marxista, eu estava citando Frantz Fanon. Estava me sentindo muito à vontade com a versão de Fanon de Marx e como ele o transformou e o traduziu para uma situação colonial. Mas eu acho que ele também precisa ser transformado para a geografia em geral. Eu falo de brincadeira com meus alunos que, em alguns aspectos, é mais fácil trazer Marx para a geografia do que tem sido trazer a geografia para o marxismo. Ainda é uma grande batalha.

Na realidade, há muitos anos eu não estava em destaque entre as principais figuras do marxismo. Foi apenas nos últimos dez anos que as pessoas começaram a falar: "Oh! Existe um geógrafo". "Oh! Talvez devêssemos lê-lo". "Oh! Ele é realmente muito interessante". "Oh! Ele tem algo a dizer". Então, foi só nos últimos 10 ou 15 anos. Por exemplo, eu tive uma discussão com uma figura muito importante do pensamento de Marx, que há 10 anos ou aproximadamente me disse que devia um pedido de desculpas, porque ele nunca tinha lido nada que eu já tinha escrito. E eu disse: "Por quê?" E ele disse: "A única razão que eu posso pensar é que você é um

geógrafo e eu não poderia imaginar que um geógrafo teria algo de significativo a dizer". Isso é ridículo! Então eu acho que o marxismo precisa da geografia. E o marxismo se desenvolveu. Agora, teoricamente, está preparado para olhar questões de urbanização. É preparado para olhar para questões ambientais de forma que não estava preparado, digamos, 30 ou 40 anos atrás.

Quero dizer, 30 ou 40 anos atrás, se você estivesse interessado em questões ambientais, você seria acusado de romântico, pequeno burguês, ou algo parecido. Então, houve um problema real de aceitabilidade para ter os conhecimentos da geografia importados para o marxismo. E foi mais fácil, como eu digo, trazer o marxismo para a geografia. Mas a minha impressão, em muitas partes do mundo agora, é que a ala marxista da geografia radical é menos significativa do que era, porque muitos radicalismos foram para o pensamento pós-colonial, identidade política, racismo, feminismo, política gays<sup>17</sup>, etc. Esses tipos de coisa que, na verdade, fazem quase tudo para não falar de classe. É a maneira como vejo, o que provavelmente não está correto. Mas eu sinto que existe um clamor: "Oh, por favor, não fale sobre a classe". Radicais

podem falar sobre qualquer outra coisa:

“mas não tragam essa coisa de classe”.

Eu estou generalizando a partir do meu sentimento sobre muitos departamentos de geografia, mas as coisas mudaram um pouco desde a crise de 2011. Por exemplo, voltando para a década de 1970, quando houve uma crise, uma grande quantidade de geógrafos se tornou fortemente envolvida na questão da habitação. Muito se escreveu sobre isso. Quando esta crise ocorreu, que foi centrada na questão da habitação, quase não havia geógrafos preparados para olhar para ela. Agora eles vêm e falam: "oh, talvez nós devêssemos olhar para ela". Mas eu acho que isso é um bom exemplo do que eu estou falando, o movimento para fora das análises das condições materiais em ambientes urbanos e assim por diante.

*E&C: Entre os autores latino-americanos e ibéricos existe um destaque grande para as relações de poder nos processos de produção do conhecimento. Fala-se de “colonialidade do saber” (QUIJANO, 2000) e da possibilidade de criação de “epistemologias do sul” (Santos e Menezes, 2010). Você acredita nessa possibilidade de uma teoria gerada a partir do sul como base para o surgimento de novas epistemologias?*

DH: Eu tenho um problema com a maneira que você está pensando sobre a teoria. Eu digo aos meus alunos: "Não importa o que você está fazendo, você está fazendo teoria". É essa ideia de que há algo lá fora chamado teoria, que é então trazida para cá e aplicada, é fundamentalmente errada. Essa teoria não significa nada, a menos que se trate de uma relação dialética de transformação perpétua. Ambos, a compreensão do que está acontecendo no terreno, mas também o que a teoria está falando. Então, quando você me diz: "É possível que as pessoas no Sul produzam teoria?", minha resposta é que eles estão produzindo teoria o tempo todo. Durante todo o tempo.

E é teoria boa ou teoria ruim? Bem, às vezes é bom, às vezes é ruim. Mas o mesmo é verdade em qualquer outro lugar. Há um monte de teoria ruim. Temos uma formação profissional inteira na economia dos Estados Unidos que é, na minha opinião, uma produção de teoria ruim. Ponto final. O grande problema é que eles, em seguida, pegam a sua teoria ruim e trazem para o Brasil, Argentina e dizem: "Isto é o que você tem que fazer". Mas é uma teoria ruim no Norte. Então é apenas teoria ruim e ponto final. Então, eu tendo a

problematizar a noção do que é estar fazendo teoria e eu não aceito esse tipo de divisão. No programa de antropologia, eles fazem etnografia, como parte de sua formação de treinamento. No primeiro ano eu envio os alunos para a Grande Estação Central. Eu digo para eles passarem uma tarde inteira na Estação fazendo teoria. Veja o que está acontecendo e faça teoria. E todos eles voltam e dizem: "Oh, é uma coisa interessante para fazer" E eu acho que este é o caminho para mim, e tem funcionado até agora.

Existe hierarquia no mundo intelectual. Existe uma estrutura de poder. Claramente esta estrutura de poder e esta hierarquia estão localizadas em certos lugares. Eu acho que não é surpreendente que muitas das pessoas que estão falando sobre pós-colonialidade estão ensinando em algumas das universidades mais poderosas do centro metropolitano. Então, quando Spivak<sup>18</sup> tenta me ensinar: "Você não deveria fazer isso", eu digo: "Bem, você está na Universidade de Columbia e que é uma instituição muito mais poderosa do que a Universidade da Cidade de Nova York. Portanto, não me diga que você está oprimido por pessoas como eu". Quero dizer, não faz sentido, é apenas um disparate. Acho que a teoria pós-colonial,

na verdade, está em dificuldade. Eu realmente não vejo o que ela é. Eu não sei como isso está sendo trabalhando aqui, mas a minha impressão é que há boas razões para se preocupar com o que está sendo produzido. Eu acho que, como muitos campos de estudo, o pós-colonialismo pode tornar-se bastante conservador ao longo do tempo. Então, eu tenho hoje problemas com isso. Quero dizer, eu amo Fanon, acho que Fanon é ótimo. Mas, você sabe, quanto mais perto você vem para o presente, menos você o encontra. Acho que Said foi ótimo, mas quando eu venho para a atualidade eu não o acho tão interessante ou convincente quanto antes.

### Paul Claval e as Apropriações Francesas

---

*E&C: O senhor conviveu com momentos variados de produção do conhecimento geográfico. Quais tendências teórico-metodológicas podem ser apontadas para a geografia contemporânea?*

PC: Acho que é uma pergunta um pouco difícil porque acho que a evolução do pensamento geográfico não é semelhante ao tipo de evolução dos anos 1950 e 1960. Foi um tempo com revoluções científicas,

vivemos um tempo com viradas, é diferente, diferente porque o ideal da ciência muda. Acho que, até os anos 1960, a geografia participa de uma concepção da ciência positivista com uma busca por um princípio geral de explicação. Acho que estamos na posição de transição de um período com revoluções científicas para outro com uma perspectiva muito diferente, uma perspectiva que é mais de interpretação do que de explicação. O resultado foi a explosão do campo da disciplina com muitas especializações. Ao mesmo tempo, os geógrafos têm que trabalhar com colegas de outras disciplinas, sociólogos, economistas. As identidades científicas dos diferentes domínios perdem uma parte da sua significação. Quando eu falo com os colegas mais jovens, a sua identidade de geógrafos não tem grande significação. Eles são pesquisadores, pesquisadores sobre problemas complexos, com uma necessidade de cooperação e o resultado deve ser evidenciar uma linha importante de reorientação.

Mas, ao mesmo tempo, existe a ideia de preparar o geógrafo para o ensino ou para uma pesquisa científica clássica. Hoje o que se necessita para a vida econômica é um tipo de conhecimento com aplicações mais rápidas. Um economista na França fala do

papel cada vez mais importante da dimensão prática no ensino da geografia. Eu penso que uma das tradições da evolução da geografia na França é o desenvolvimento importante da geopolítica. Esta pode apresentar os fatos geográficos com um enfoque sobre as dimensões práticas, sobre os problemas de informação e a necessidade de tomada de decisões em um universo onde a verdade não existe. Acho que é uma das orientações mais importantes da evolução da geografia contemporânea. Sobre estas questões, indico um texto que publiquei a partir de uma conferência intitulada "Uma Agenda para a Geografia"<sup>19</sup>.

*E&C: Dentre as influências teórico-metodológicas e as trocas disciplinares recentes, a geografia tem incorporado debates associados às teorias pós-coloniais. Muitos autores provenientes de ex-colônias francesas são referências primordiais para o desenvolvimento deste campo (CÉSAIRE, 1950, FANON, 1961). Como se dá a influência dos debates pós-coloniais na geografia francesa?*

PC: A influência do pós-colonialismo não foi importante na geografia francesa até poucos anos atrás, a partir de 2005. Acho que hoje existe um grupo importante de

pesquisadores sobre as questões coloniais e pós-coloniais. Existe um grupo de pesquisadores em Boudeaux que trabalha sobre este problema, especialmente uma colega que se chama Christine Chivallon<sup>20</sup>. Ela é especialista do mundo Caribenho e seu doutorado foi sobre a Martinica. Ela é muito interessada nestes problemas da interpretação pós-colonial. Existe também, na minha universidade, um pesquisador de origem canadense, Louis Dupont<sup>21</sup>, que é perfeitamente bilíngue, ele ensinava em universidades americanas antes de ensinar em francês. Sua mãe é inglesa e seu pai é francês. Ele tem interesse também em teorias pós-coloniais e outro tema também, as geografias *queer*.

Existe um desenvolvimento, mas não existe uma relação importante entre os trabalhos de Frantz Fanon e outros autores e este desenvolvimento na geografia. Entre o período de lutas anti-coloniais, entre os anos 1950 e 1960, e o desenvolvimento das orientações atuais sobre os problemas do pós-colonialismo, existe um período de 20 ou 30 anos sem pesquisas importantes, seja pelos historiadores, seja pelos geógrafos franceses. Hoje é diferente e isso é interessante.

*E&C: Entre as várias referências utilizadas*

*pelos autores pós-coloniais está Michael Foucault. A apropriação das teorias pós-coloniais abriu novos caminhos para incorporação de Foucault na geografia anglo-saxônica. Como tem se dado a apropriação deste autor na geografia francesa?*

PC: A influência de Foucault sobre a geografia francesa é muito menor do que sua influência sobre a geografia inglesa. É evidente. São poucos os trabalhos, por exemplo, sobre os problemas das prisões. Existe um colega na Universidade de Paris IV que fez o seu doutorado sobre os problemas dos prisioneiros nas cadeias francesas. Existe um desenvolvimento recente. São poucos os geógrafos franceses que utilizam Foucault até hoje. Parte disso é justificado pela própria atitude de Foucault. Foucault não gostava da geografia. Isso foi também verdade para Bourdieu<sup>22</sup>, que também foi muito crítico à geografia francesa e à geografia em geral. E, como consequência, os geógrafos franceses não tiveram uma atração muito forte seja por Foucault, seja por Bourdieu. Salvo algumas pesquisas recentes, como a de uma colega sobre os excluídos, sem tetos na cidade de Boudeux, trabalho muito interessante, a organização, os problemas das relações

sociais, saúde. Trata do problema dos excluídos com uma orientação de Foucault.

*E&C: Embora o pós-colonialismo tenha influência em diversas formas de se fazer geografia, talvez dois sub-campos tenham sido especialmente afetados por esta abordagem: a geografia histórica e a geografia cultural. No entanto, estes campos são bem diferentes na França e na Inglaterra. O senhor poderia comparar o desenvolvimento destes campos nos dois países?*

PC: Já tive a oportunidade de escrever um texto sobre as diferenças entre as abordagens da geografia histórica na França e na Inglaterra<sup>23</sup>. Na Inglaterra, a geografia histórica se desenvolveu em uma situação onde os historiadores não apresentaram uma abordagem sobre os problemas espaciais. Daí a possibilidade de Darby<sup>24</sup>, em Cambridge, que foi o criador da escola de geografia histórica inglesa, que pode construir uma história geográfica. O problema da França foi diferente porque, até 1968, a formação dos geógrafos e dos historiadores foi praticamente a mesma e o resultado foi um número importante de doutorados de historiadores sobre história e geografia regional, por exemplo. São

dezenas de trabalhos sobre as estruturas agrárias, sobre a evolução da propriedade fundiária e o resultado foi que a prática do geógrafo na pesquisa da geografia histórica foi menor.

O mais importante dos historiadores franceses nos anos 1950 e 1960, Fernand Braudel, desenvolveu a ideia de tempo longo, a longa duração, pegando um empréstimo dos geógrafos do começo do século XX. Acho que o resultado é que a construção dos trabalhos de geografia histórica na França é muito diferente da construção dos trabalhos de geografia histórica dos ingleses. Os trabalhos ingleses utilizaram a divisão, a temporalidade definida pelos historiadores. Os geógrafos franceses, geralmente, buscaram desenvolver a sua própria temporalidade. Em alguns trabalhos, o resultado foi a divisão de dois períodos para entender o desenvolvimento da geografia histórica da França. Um período de diferenciação, até o século XV, depois um período de Unificação.

Pessoalmente, como trabalho no limite da geografia cultural e da geografia histórica, a temporalidade que eu uso é baseada na divisão de três tipos. A temporalidade cultural, enquanto temporalidade da sociedade dos povos

primeiros. As temporalidades das sociedades históricas clássicas, considerando uma temporalidade em que parte da população permanecia na tradição oral e parte desenvolve uma narrativa histórica das elites. Por fim, há uma temporalidade que aparece com o desenvolvimento dos meios de comunicação moderna, com uma uniformização das formas de difusão. No passado, a origem das culturas populares foi local, hoje não é mais local, porque os bebês olham na televisão programas de *Bollywood* e de *Tokio*. E essas temporalidades são completamente diferentes. Esse tipo de temporalidade parece importante para construir uma interpretação da geografia cultural.

Passando para a geografia cultural, existia na França uma tradição mais forte que na Inglaterra. Ela foi forte nos Estados Unidos, mas ela praticamente não existia na Inglaterra. Salvo por um grupo de antropólogos sociais que tinham formação geográfica. Na França, existia uma tradição que foi presente essencialmente nas obras de Pierre Deffontaines e Jean Brunhes, como o desenvolvimento de uma coleção de livros muito importante para o desenvolvimento do pensamento geográfico na França<sup>25</sup>. E, quando Pierre Deffontaines

veio para o Brasil para ensinar na Universidade de São Paulo, ele produziu artigos muito importantes sobre, por exemplo, a criação da cidade em uma situação completamente diferente, por causas religiosas. Essa tradição nunca desapareceu, uma tradição onde o papel da dimensão material era muito importante e permanece também em trabalhos sobre as culturas populares e o resultado foi que, quando a geografia cultural começa a ter um grande dinamismo nos anos 1980 e 1990, esta não se apresentou como uma revolução. Foi um enriquecimento, mas não como uma quebra, como foi o caso de Duncan e Cosgrove na América e na Inglaterra<sup>26</sup>. Acho que eu fui pessoalmente responsável por essa situação, porque a tradição francesa me parece importante, pode ser igualmente importante desenvolver outras orientações, mas sem uma ruptura fundamental. A orientação cultural francesa permanece, aparentemente, menos social, mas acho que, em parte, as críticas de alguns colegas são uma emanção sem fundamento. Pessoalmente eu comecei trabalhando nos domínios da geografia econômica, da geografia social, da geografia política, e hoje trabalho no domínio também da geografia cultural. Mas nunca recuso as minhas

publicações no domínio da geografia social, acho que é importante levar em conta todas as condições econômicas e sociais.

Quando os geógrafos começaram a estudar uma nova abordagem sobre o estudo das paisagens, eles desenvolveram pesquisas sobre o papel da percepção, sobre a dimensão social da construção das imagens e isso é uma forma de geografia social. Mais fundamental ainda é a dimensão ligada à transmissão da cultura de uma geração a outra, de um grupo a outro. Ela é negligenciada geralmente pelos historiadores, pela geografia cultural. A segunda dimensão social mais conhecida é a dimensão desenvolvida nos Estados Unidos por Don Mitchell<sup>27</sup>. A paisagem não é uma pintura, é uma cena onde existem conflitos e acho que essa abordagem é importante. Acho a ideia de que a dimensão social não existe na geografia francesa é um pouco errada. Ela é certamente menos importante que na geografia cultural inglesa, mas ela existe.

### Temáticas e Diálogos Possíveis \_\_\_\_\_

As entrevistas acima possibilitam algumas reflexões e leituras. Como já foi assinalado, as entrevistas não seguiram um

roteiro fechado de perguntas e o objetivo deste texto não foi produzir comparações acerca dos pontos de vista apresentados. Muito embora seja importante posicionar os autores, é fundamental reconhecer seus percursos, suas pesquisas e reflexões para além da necessidade de classificá-los sob qualquer rótulo ou generalização acerca de suas escolhas metodológicas, escolas de pensamento ou tradições disciplinares, as quais, por ventura, possam se remeter.

Uma leitura possível se desenvolve a partir da combinação de três temas recorrentes nas entrevistas e que, em larga medida, sugerem diálogos entre os entrevistados: 1) as tensões e distensões entre pós-colonialismo e marxismo; 2) a circulação do conhecimento e as diferenças entre a geografia francesa e anglo-saxã; 3) as posições sobre o tema das novas epistemologias possíveis a partir do Sul Global. É interessante notar como esses temas, quando tratados por Driver, Harvey e Claval, revelam muito das identidades de cada um desses geógrafos. Identidades que estão sobremaneira articuladas ao espaço e tempo de enunciação de seus discursos. Tal reflexão indica uma outra leitura possível, circunscrita à trajetória pessoal dos pesquisadores, que subjaz à primeira proposta.

Para se destacar as tensões e distensões entre marxismo e pós-colonialismo na geografia, é importante considerar que, desde o final do século XX, vivemos uma época de superação da busca por modelos teóricos, conceituais e metodológicos de uma visão disciplinar hegemônica. Paul Claval explicita essa questão logo no início da sua entrevista, afirmando que o pensamento geográfico não busca mais “revoluções científicas” ou “grandes viradas” explicativas. Ou seja, o pós-colonialismo não pode e, ao que parece, não pretende “substituir” ou “superar” nenhuma abordagem que tenha conduzido trabalhos anteriores. David Harvey alerta para a “profissionalização das estruturas de conhecimento”, o que também pode relativizar qualquer intenção de apresentar o pós-colonialismo como a nova via para a geografia.

O marxismo é apresentado por muitos autores como um dos pilares fundamentais do pós-colonialismo (Spivak, 1999). Este fato é explicitado na entrevista de Felix Driver, quando o autor cita os trabalhos de Raymond Williams (Marxismo e Literatura) e Stuart Hall (Estudos Culturais) como referências importantes para se compreender o ambiente intelectual do final dos anos 1980: “havia uma série de

debates ocorrendo acerca do marxismo”. No entanto, mesmo com essa reconhecida influência, existe uma crítica já bastante consolidada sobre como o pós-colonialismo pode ser um “usurpador pós-estruturalista” das teorias marxistas (Castro-Gomes, 2001).

Por outro lado, uma primeira crítica comum se relaciona com o fato de o pós-colonialismo dar uma maior ênfase para as lutas de minorias sociais do que para a luta de classes. Neste ponto, a crítica de David Harvey foi bem explícita, afirmando que “a ala marxista da geografia radical é menos significativa do que era, porque muitos radicalismos foram para o pensamento pós-colonial, identidade política, racismo, feminismo, política gays, etc”. Segundo o autor, o destaque destas minorias é muitas vezes útil para atender a um clamor contemporâneo comum: “oh, por favor, não fale sobre a classe”.

Paul Claval também faz essa associação entre o pós-colonialismo e as chamadas teorias *queer*, porém o geógrafo francês não considera que o enfoque na dimensão cultural reduza a dimensão social das pesquisas geográficas. Felix Driver também associa pós-colonialismo e as temáticas ligadas ao gênero ao afirmar que a concepção do conhecimento geográfico de

Said "me parecia ligada com o que Gillian Rose estava escrevendo sobre feminismo e geografia". No entanto, o autor parece dar bastante ênfase à dimensão política do pós-colonialismo que possibilita o desenvolvimento de formas engajadas e críticas de se construir a história da geografia.

A segunda tensão marxista que pode ser delineada nas entrevistas é mais diretamente relacionada aos autores vinculados ao pós-colonialismo, principalmente aqueles ligados aos grupos de estudos subalternos. Segundo a visão de alguns marxistas, como Ahmad (1993), os pós-colonialistas são indivíduos que, por um lado, "denunciam hipocritamente o sofrimento da opressão colonial da qual se beneficiaram", por outro, "se colocam como uma nova geração de profissionais imigrantes que aproveitam destes benefícios para se posicionarem vantajosamente no mercado de trabalho do primeiro mundo" (CASTRO-GOMES, 2001:31). David Harvey explicitou claramente esta crítica ao produzir ironicamente um diálogo fictício com Spivak: "Bem, você está na Universidade de Columbia, que é uma instituição muito mais poderosa do que a Universidade da Cidade de Nova York. Portanto, não me diga que você está

oprimido por pessoas como eu".

Os rótulos aqui não são certamente suficientes para enquadrar os autores e provavelmente todos concordam sobre a importância dos textos pioneiros do pós-colonialismo para as ciências sociais. David Harvey afirma categoricamente que "Fanon é ótimo", "Said é ótimo", mas se preocupa com trabalhos mais recentes que seriam "menos interessantes e convincentes". O autor destaca, inclusive, que utilizou Fanon em *Social Justice and the City* como exemplo da necessidade de "esticar" a teoria marxista. Assim como Fanon expandiu a teoria marxista para o colonialismo, que seria "o ponto cego de Marx" (CASTRO-GOMES, 2001), Harvey também buscou expandir a teoria marxista para o espaço, desenvolvendo uma leitura geográfica de Marx.

Além de destacar a importância de autores com abordagem marxista para o desenvolvimento do pós-colonialismo na geografia britânica, Felix Driver também chama a atenção para a existência de uma série de debates internos nas teorias pós-coloniais. Segundo o autor, existem muitas diferenças e críticas entre Edward Said e outros autores como Bhabha e Spivak. As relações com o marxismo e o pós-estruturalismo se apresentam de forma

variada, e por vezes divergente, entre esses autores. Observamos, assim, a existência de divergências e convergências entre o marxismo e o pós-colonialismo.

O segundo tema que se destacou nas entrevistas foi o da circulação do conhecimento e as diferenças entre a geografia francesa e a geografia anglo-saxã. É importante pensar inicialmente nas fontes de inspiração para o desenvolvimento de abordagens pós-coloniais na geografia. Felix Driver cita uma série de autores fundamentais para o pós-colonialismo, como Peter Hulme, Jane M. Jacobs, Stuart Hall, mas, em sua entrevista, fica claro que o livro, *O Orientalismo*, de Edward Said, teve mesmo um papel central para o desenvolvimento dessa abordagem. Said escrevia diretamente em inglês e falava explicitamente sobre “geografias imaginativas”, daí o seu impacto evidente no estudo do Império pela geografia. Mas como teria se dado a apropriação das abordagens pós-coloniais pioneiras escritas em francês, como Fanon e Césaire?

A apropriação de Harvey do trabalho de Fanon foi pioneira, porém pontual, não sendo explorada de forma sistemática em estudos posteriores. Segundo Driver, “a influência de Fanon na Geografia anglófila teve maior interesse na

direção da psicanálise”, que seria uma área bastante influenciada pelos estudos pós-coloniais. Césaire influenciou alguns estudos na literatura, mas sua influência segue consideravelmente limitada. Mas se Said influenciou mais a geografia anglófila, seria plausível que autores que escreviam originalmente em francês tivessem influenciado mais a geografia francesa. No entanto, segundo Claval, “a influência do pós-colonialismo não foi importante na geografia francesa até poucos anos atrás”. O autor foi categórico em afirmar que, entre o período de lutas anti-coloniais (1950 e 1960) e o desenvolvimento das orientações atuais sobre os problemas do pós-colonialismo, “existe um período de 20 ou 30 anos sem pesquisas importantes, seja pelos historiadores, seja pelos geógrafos franceses”. Sendo assim, não haveria relação direta entre os pioneiros do pós-colonialismo escrito em francês e o desenvolvimento atual do pós-colonialismo na geografia da França.

As hipóteses aqui delineadas estão obviamente sujeitas a pesquisas e reflexões mais profundas no futuro e são frutos de conversas livres sobre a temática. De qualquer forma, o pós-colonialismo parece ser uma abordagem desenvolvida de maneira ainda tímida na geografia francesa.

Porém, a entrevista com Felix Driver evidenciou como este debate teve forte impacto sobre a geografia humana na Inglaterra, aparecendo em vários sub-campos disciplinares.

Driver destaca como “a teoria pós-colonial não ficou restrita a um gueto da geografia cultural”, influenciando a geografia urbana, a geografia econômica e a geopolítica. Segundo o autor, uma das vertentes mais recentes da geopolítica anglo-saxônica não teria existido sem a leitura de autores como Edward Said: “é muito difícil imaginar a geopolítica crítica existindo sem o pós-colonialismo”. Estes fatos evidenciam o impacto diversificado do pós-colonialismo na geografia inglesa. Mas, apesar de ser impossível delimitar o impacto dessa abordagem a algum sub-campo da geografia, como afirmou Driver, pode-se destacar a forte influência que esta abordagem teve na geografia histórica e cultural.

A comparação entre a geografia histórica e cultural na Inglaterra e na França apareceu com mais evidência na conversa com o professor Paul Claval. Um primeiro elemento importante é notar como a geografia histórica se desenvolveu por um caminho distinto dos dois países. Na Inglaterra, os historiadores não

apresentavam abordagens espaciais, enquanto que, na França, a proximidade na formação do geógrafo e do historiador fez com que os historiadores realizassem muitos trabalhos regionais. Este fato pode ter inibido o desenvolvimento sistemático da geografia histórica como um sub-campo na França, mas também levou os franceses a produzirem periodizações que não eram necessariamente definidas por acontecimentos destacados pelos historiadores. Já a geografia cultural apresentaria uma tradição maior na França, com Pierre Deffontaines e Jean Brunhes, do que na Inglaterra. Por esse motivo, segundo Claval, quando a geografia cultural aparece com grande dinamismo nos anos 1980 e 1990 na Inglaterra e nos EUA, “aquilo não soava como uma grande ruptura” para os franceses. Foi “um enriquecimento e não uma quebra”.

Claval admite que “a orientação cultural francesa permanece, aparentemente, menos social”. No entanto, o autor destaca várias formas de consideração das questões sociais nas análises culturais da geografia. Para ele, a ideia de que “a dimensão social não existe na geografia cultural francesa é um pouco errada”. De qualquer forma, o autor destaca os trabalhos de língua inglesa como Don

Mitchell como referências fundamentais para uma abordagem mais crítica e engajada na geografia cultural. Talvez a maior influência do pós-colonialismo e do marxismo, com autores como Said e Raymond Williams, tenha estimulado o desenvolvimento de abordagens mais explicitamente críticas na geografia histórica e cultural anglo-saxã. Porém, como aponta Claval, este fato não significa a ausência completa do social na geografia cultural francesa.

Por fim, é importante considerar as respostas relativas à pergunta sobre as possibilidades de desenvolvimento de teorias a partir do Sul Global. Esta era uma pergunta bastante aberta, sobre a qual não se esperavam respostas muito desenvolvidas, pois a ideia de uma epistemologia essencialmente subalterna ou posicionada no Sul é, em si, bastante problemática. O interesse subjacente à pergunta era saber se nossos entrevistados, representantes do pensamento geográfico do norte, teriam algum conhecimento das iniciativas de pensadores latino-americanos sobre a temática do pós-colonialismo. As respostas foram interessantes e podem contribuir para se compreender as relações entre geopolítica e produção do conhecimento geográfico.

Felix Driver deixou bem claro que as referências a uma “epistemologia do sul” não lhe eram familiares e que a “influência de autores latino-americanos é absolutamente negligenciada, uma realidade pouco conhecida” na geografia britânica. Apesar de reconhecer que a academia britânica é bastante fechada e “paroquial”, o autor também criticou qualquer tipo de essencialismo como caminho para as abordagens pós-coloniais: “apenas reverter a polaridade não é o suficiente, né”? Driver destaca o perigo de se adotar uma retórica de renúncia ao eurocentrismo, buscando celebrar ideias “purificadas” e sem “influência externa”. Para o autor, esse seria justamente o pensamento contra o qual argumentaria Doreen Massey.

Já David Harvey respondeu a indagação sobre a possibilidade de criação de teorias para uma epistemologia do Sul questionando a noção de teoria. O autor argumentou contra a ideia de que exista algo “lá fora” chamado “teoria” que pode ser aplicado em diferentes casos. Neste sentido, os intelectuais do Sul estariam “fazendo teoria o tempo todo”, mesmo que esta teoria seja boa ou ruim. O autor destaca, no entanto, que “existe hierarquia no mundo intelectual”, existe “estrutura de poder” e claramente “estas hierarquias estão

localizadas em certos lugares". O autor exemplifica esta posição citando autores pós-coloniais que alcançaram grande projeção internacional justamente por trabalharem em Universidades renomadas dos Estados Unidos e da Europa.

Já Paul Claval declarou que tinha conhecido recentemente este debate envolvendo pesquisadores ibéricos e latino-americanos. O autor afirmou que não tinha uma visão clara sobre como poderia se desenvolver uma nova forma de epistemologia e também relativizou a possível existência de uma visão essencialista na produção do conhecimento geográfico. De forma geral, os três autores não se mostraram muito familiarizados com os debates que vêm sendo conduzidos por autores latino-americanos. Um dos motivos apontados foi o pouco interesse destes autores por pesquisas históricas mais aprofundadas, mas estas informações evidenciam também as limitações e as barreiras na circulação do conhecimento.

Os três autores contribuíram de

forma contundente para estimular reflexões pertinentes sobre a produção do conhecimento geográfico. Dialogar com estes pesquisadores capacitados e experientes, compartilhar seus pontos de vista, estimulou a elaboração deste texto voltado às interpretações sobre pós-colonialismo. Por fim, pode-se concluir que, longe de ser algum tipo de solução metodológica, a abordagem pós-colonial parece ter um mérito inicial bem claro: gerar debates renovados sobre a prática dos geógrafos. Como coloca Driver, estas reflexões certamente não ficarão restritas à geografia cultural, e vêm aparecendo também na geografia histórica, urbana, regional, entre outras. Reconhecer variados pontos de vista sobre uma abordagem ou um grupo de autores é certamente uma tarefa infundável, mas é a ampliação do debate que pode alimentar novos caminhos de pesquisas para geografia brasileira. Queiramos ou não, como nos lembrou Harvey, estamos sempre fazendo/legitimando teorias.

## Notas

\* Professor Adjunto do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

\*\* Professora do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca.

<sup>1</sup> SAID, E. *Orientalismo*. O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Cia das Letras, 2003

<sup>2</sup> WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979

<sup>3</sup> HULME, Peter. *Colonial Encounters: Europe and the native Caribbean 1492-1797*. Virginia University: Routledge, 1992.

<sup>4</sup> JACOBS, Jane. M. *Edge of Empire: Postcolonialism and the City*. London and New York: Blackwell, 1996.

<sup>5</sup> *Colonialism's Culture: Anthropology, Travel and Government*. Princeton University Press, 1994. Nicholas Thomas is currently professor of Historical Anthropology, and Director, Museum of Archaeology and Anthropology, University of Cambridge

<sup>6</sup> SAID, E. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

<sup>7</sup> All or nothing? Politics and critique in the modernism – postmodernism debate. *Environment and Planning D: Society and Space*, 10 (2), 1992, 123-136.

<sup>8</sup> SMITH, Neil; GODLEWSKA, Anna (ed.). *Geography and Empire: Critical Studies in the History of Geography*. Oxford: Basil Blackwell, 1994.

<sup>9</sup> DRIVER, Felix; GILBERT, David (ed.) *Imperial Cities: Landscape, Display and Identity*. Manchester: Manchester University Press, 2003.

<sup>10</sup> *Critical Geopolitics: The Politics of Writing Global Space*. Minneapolis: University of Minnesota Press and London: Routledge, 1996.

<sup>11</sup> Frantz Fanon (1925-1961) foi um ensaísta, psiquiatra, negro, nascido na Martinica e revolucionário no processo de libertação nacional da Argélia. Fanon escreveu a obra “Os condenados da terra”, publicada em 1961.

<sup>12</sup> Aimé Césaire (1913-2008) foi um poeta, ensaísta, negro, também nascido na Martinica que escreveu em 1950 o livro “Discurso sobre o colonialismo”. Assim como Fanon, Césaire junto com o tunisiano Albert Memmi são considerados “a tríade francesa” que constituiu uma das bases do pensamento pós-colonial.

<sup>13</sup> Hulme, *Colonial Encounters*; HALL, Catherine, *White, Male and Middle Class: Explorations in Feminism and History*. Cambridge: Polity, 1992; HALL, Catherine, *Civilising Subjects: Metropole and Colony in the English Imagination 1830 – 1867*, Cambridge: Polity, 2002; Hall, Stuart, ‘The local and the global: globalization and ethnicity’ and ‘Old and new identities, old, and new ethnicities’, both in King, Anthony D. (ed.), *Culture, Globalization and the World System*. London: Macmillan, 1991; Hall, Stuart, ‘New cultures for old’ in MASSEY, Doreen; JESS, Pat (ed.), *A Place in the World?* Oxford: Oxford University Press, 1995.

<sup>14</sup> CLAYTON, Daniel. *Islands of Truth: The Imperial Fashioning of Vancouver Island*. Vancouver: University of British Columbia Press, 2000.

<sup>15</sup> Doreen Massey é Professora emérita da Open University, na Inglaterra. A autora é muito reconhecida entre os geógrafos brasileiros, principalmente pela sua visão crítica no trabalho com conceitos geográficos como espaço e lugar. Um de seus textos mais famosos sobre um entendimento do lugar a partir da troca e da circulação foi traduzido e esta disponível em português: MASSEY, D. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papius, 2000. p. 176 – 185.

<sup>16</sup> David Slater é professor de Geografia Social e Política na *Loughborough University*. Ele é autor de *Territory and State Power in Latin America* (1989), co-editor do *The American Century* (1999) e editor do periódico *Political Geography*. Em 2004 o autor escreveu o livro *Geopolitics and the Post-Colonial: Rethinking North-South Relations*, publicado pela editora *Wiley-Blackwell*.

<sup>17</sup> “gay politics” (N.T.)

<sup>18</sup> Gayatri Spivak (1942 - ) é uma das mais proeminentes autoras do denominado grupo indiano de estudos subalternos. Seu artigo *Can the subaltern speak?*, publicado pela primeira vez em 1988, já foi traduzido para diversas línguas, ganhando uma versão portuguesa, publicada no Brasil sob a forma de um pequeno livro (pela Editora da UFMG em 2010). Uma resenha desse seminal texto é publicado no presente número da E&C. Spivak é atualmente professora da Columbia University.

<sup>19</sup> A conferência foi organizada pelo Centro de Estudos de Geografia e Planejamento Regional (e-GEO) do Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa em outubro 2012. O texto está disponível no site do e-Geo.

<sup>20</sup> Entre os principais trabalhos de Chivallon destacam-se *Espace et identité à la Martinique. Paysannerie des mornes et reconquête collective* (1840-1960). Paris: CNRS Éditions, 1998 e *La diaspora noire des Amériques. Expériences et théories à partir de la Caraïbe*. Paris: CNRS Éditions, 2004.

<sup>21</sup> Professor do Instituto de Geografia da Universidade de Paris IV, Sorbonne.

<sup>22</sup> O famoso sociólogo francês Pierre Bourdieu apresentou uma série de críticas a geografia acadêmica na França. Para uma exemplificação, ver: BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 59-73.

<sup>23</sup> The historical dimension of french geography. *Journal of Historical Geography*, Volume 10, Issue 3, July 1984, Pages 229-245

<sup>24</sup> Henry Clifford Darby é considerado um dos geógrafos históricos mais famosos da Inglaterra. O autor, que nasceu no País de Gales em 1909, se graduou como doutor em geografia em Cambridge, onde se tornou professor posteriormente. A famosa escola de geografia histórica fundada pelo professor teve como grande destaque a reconstrução cuidadosa da paisagem britânica em diversos períodos. O autor também contribuiu com textos metodológicos sobre as relações entre geografia e histórica, ver: “On the relations of geography and history”, publicado no *Transactions of the Institute of British Geographers*, No. 19 (1953), pp. 1-11.

<sup>25</sup> A título de exemplo tem-se o clássico *L’homme et la terre cultivée: bilan d’un siècle de Jean Brunhes*, publicado originalmente em 1900.

<sup>26</sup> Os geógrafos James Duncan e Denis Cosgrove são reconhecidos respectivamente nos EUA e na Inglaterra como importantes autores da chamada “nova geografia cultural”. Para uma tradução de artigos significativos dos dois autores, ver: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R. L. (2012). *Geografia Cultural: uma antologia* (volume 1). Rio de Janeiro: EdUERJ.

<sup>27</sup> Don Mitchell é professor de geografia na *Maxwell School of Syracuse University*. Um dos artigos mais famosos do autor, que causou grande debate na geografia cultural anglo-saxônica foi traduzido na revista E&C, ver: MITCHELL, D. (1999). Não Existe Aquilo que Chamamos de Cultura: Para uma Reconciliação da Ideia de Cultura em Geografia. In: Espaço e Cultura, n°8, Ago./Dez. 1999. Rio de Janeiro, UERJ, pp.31-51.

## Referências Bibliográficas

AHMAD, Aijaz 1993. In theory. Classes, nations, literatures. Verso, Londres.

ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. (1995) *Postcolonial Studies. The key concepts*. London and New York: Routledge

CASTRO-GOMES, S. (2005): *Poscolonialidad Explicada a los Niños*. Universidad del Cauca. Popayan.

DRIVER, F. (1992) Geography's empire: histories of geographical knowledge. *Environment and Planning D: Society and Space*, 10 (1), 23-40, 241.

QUIJANO, A. (2000) Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: Lander, Edgardo (org.) *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas* (Buenos Aires: CLACSO/UNESCO).

SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (ed.) (2009) *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina.

SHARP, J. (2009) *Geographies of Postcolonialism: Spaces of Power and Representations*. London: Sage.

SIDAWAY, J. (2000) Postcolonial geographies: an exploratory essay. *Progress in Human Geography*, 24 (4), pp.591-612.

SPIVAK, G. C.. *A Critique of Postcolonial Reason: Toward a History of the Vanishing Present*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1999.

## VISIONS ON GEOGRAPHY AND POSTCOLONIALISM: CONVERSATIONS WITH FELIX DRIVER, DAVID HARVEY AND PAUL CLAVAL

**ABSTRACT:** THIS PAPER AIMS TO SHARE SOME PERSPECTIVES ON GEOGRAPHY AND POSTCOLONIALISM GATHERED FROM CONVERSATIONS HELD WITH THREE IMPORTANT GEOGRAPHERS FROM DIFFERENT GENERATIONS AND PLACES OF ENUNCIATION: FELIX DRIVER, DAVID HARVEY AND PAUL CLAVAL. THE PAPER IS DIVIDED IN TWO SECTIONS, IN THE FIRST IS EXPOSED THE TRANSCRIPTION OF SOME OF THE MOST SIGNIFICANT PARTS OF THE INTERVIEWS PERFORMED IN THE LAST MONTHS OF 2013. IN THE SECOND SECTION, WE DISCUSS SOME CONSIDERATIONS IN ORDER TO IDENTIFY RECURRING THEMES IN THE NARRATIVES OF THE INTERVIEWED PROFESSORS.

**KEYWORDS:** POSTCOLONIALISM, GEOGRAPHICAL KNOWLEDGE, IDENTITY, DISCIPLINARY VISIONS

## VISIONES DE GEOGRAFÍA Y POSTCOLONIALISM: CONVERSACIONES CON FELIX DRIVER, DAVID HARVEY Y PAUL CLAVAL

**RESUMEN:** ESTE ARTÍCULO TIENE COMO OBJETIVO COMPARTIR PERSPECTIVAS SOBRE LA GEOGRAFÍA Y EL POSCOLONIALISMO RECOGIDOS DE LAS CONVERSACIONES MANTENIDAS CON TRES GEÓGRAFOS IMPORTANTES QUE PERTENECEN A GENERACIONES Y LUGARES DE ENUNCIACIÓN MARCADAMENTE DISTINTOS: FELIX DRIVER, DAVID HARVEY Y PAUL CLAVAL. EL ARTÍCULO SE DIVIDE EN

ESPAÇO E CULTURA, UERJ, RJ, N. 34, P.231-258, JUL./DEZ. DE 2013  
<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>

DOS SECCIONES. EN LA PRIMERA SE EXPONE LAS PIEZAS MÁS SIGNIFICATIVAS DE LA TRANSCRIPCIÓN DE LAS ENTREVISTAS REALIZADAS EN LOS ÚLTIMOS MESES DE 2013. EN LA SEGUNDA SECCIÓN TRATA DE ALGUNAS CONSIDERACIONES QUE BUSCAN IDENTIFICAR TEMAS RECURRENTES EN LOS RELATOS DE LOS ENTREVISTADOS.

**PALABRAS CLAVE:** POSCOLONIALISMO, CONOCIMIENTO GEOGRÁFICO, IDENTIDAD, VISIONES DISCIPLINARIAS